

Democracia e futebol

O vice-presidente, Marco Maciel, marcou ponto com a decisão do presidente da República e do presidente da Câmara de tentarem votar, ainda neste semestre, as reformas políticas. Há mais de vinte anos Maciel defende a tese de que a “crise não é econômica, é política”. O tempo mostrou que ele tinha razão: o país viveu fracasso atrás de fracasso nas mãos dos economistas e só despontou para a estabilidade, que precede a era do desenvolvimento, no momento em que um ministro da Fazenda político decidiu tratar politicamente a questão econômica.

Torcedor fanático — dentro dos limites de fanatismo a que se permite o plácido Maciel — do Santa Cruz de Recife, o vice-presidente compara o jogo político ao futebol. Para ele, é preciso ter regras claras, “e se tem algo com regras claras neste país é o futebol”. Maciel reserva à sociedade o papel de torcida atuante, que fiscaliza, reclama, impõe ou rejeita jogadores.

“Os times são os partidos, mas ainda precisamos saber quem são os bandeirinhas, a que normas deve obedecer o juiz e em que condições e obedecendo a quais objetivos entram em campo os jogadores.”